

A missa

Dez cardeais e arcebispos rezam juntos por Tancredo

"Não estamos falando de um morto, mas de um vivo recolhido pelas mãos de Deus na certeza da vida eterna. Tancredo Neves foi o amante do povo, artífice da unidade nacional, o desbravador de um novo caminho que todos devemos trilhar. Tenhamos agora mais fé no futuro do nosso Brasil, pleno de esperança, união e justiça, com o exemplo de coragem, dedicação, austeridade e democracia que nos inspirou o presidente Tancredo Neves." Com essas palavras, o secretário geral da CNBB, dom Luciano Mendes de Almeida, sintetizou o exemplo do presidente Tancredo Neves, em longa homilia na derradeira cerimônia religiosa em Brasília, antes da saída do corpo do Palácio do Planalto com destino a Minas Gerais.

O arcebispo primaz do Brasil, dom Avelar Brandão Vilela, afirmou, a seguir, que Tancredo Neves subiu a rampa do Palácio do Planalto, acompanhado de 130 milhões de brasileiros, e com todos tomou posse de sua missão tutelar, de criar no País a Nova República, frisando que diante de seu esquife "todos os brasileiros devem meditar sobre sua grandeza histórica e sua missão como conciliador da Nação". A missão de Tancredo — acrescentou o cardeal primaz — "abrirá caminho para o estabelecimento de um novo sistema político, econômico e social, sem traumas, sem dilacerações".

O cardeal primaz do Brasil encomendou a alma do presidente Tancredo Neves, ao final da cerimônia religiosa: "recebi em vossas mãos paternas a alma de Tancredo Neves que tanto construiu em benefício do seu povo e gerou tantas esperanças; recebi-o com o amor de todos os brasileiros para que ele seja feliz na contemplação da vida eterna e do futuro do País e do povo que ele tanto amou". No encerramento da parte litúrgica da cerimônia, o cardeal arcebispo do Rio de Janeiro, dom Eugênio Sales, pediu orações de todos pela Paz, pela concórdia e pela alma de Tancredo, enquanto o cardeal de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, lembrou em rápidas palavras que "nenhum sacrifício se perde e todos são acolhidos no coração de Deus".

A cerimônia religiosa foi iniciada às 9 horas, no salão nobre do palácio do Planalto, onde estava o esquife com o corpo do presidente

eleito, Tancredo Neves. Dona Risoleta desceu a rampa acompanhada do presidente José Sarney e de dona Marly, seguida dos filhos e netos. No salão já se encontravam todos os ministros de Estado e governadores, as delegações estrangeiras e o ex-presidente Ernesto Geisel, que chegou pouco antes do início da cerimônia, sozinho, sendo cumprimentado primeiramente pelo governador paranense José Richa. O ex-presidente Ernesto Geisel, que é luterano, sentou-se ao lado do núncio apostólico dom Carlo Furno. À direita da mesa que serviu de altar, foi colocado um pedestal com a imagem de Nossa Senhora Aparecida. A mesma disposição protocolar do velório, na véspera, foi observada; à esquerda do caixão, o presidente Sarney, a viúva e familiares de Tancredo Neves, desta vez acompanhados das delegações estrangeiras. À frente, os ministros de Estado e governadores, e, à direita, os representantes da Igreja, tendo, ao fundo, de pé, os parlamentares e demais autoridades.

A cerimônia foi acompanhada pela Orquestra Sinfônica e pelo madrigal da Escola de Música de Brasília, que interpretaram a "Missa de Réquiem", a "Cantata N° 6" e "Dona Nobis Pacem", de Bach, caracterizando-se a cerimônia religiosa pela emoção. Dona Risoleta, Sarney e dona Marly ficaram sentados entre os presidentes do Uruguai, Júlio Sanguinetti, e da Venezuela, Jaime Lusinchi. A viúva do presidente Tancredo Neves manteve a firmeza durante toda a cerimônia, de olhos escuros e com as mãos entrelaçadas. Foi a primeira a receber a comunhão, seguida de vários ministros.

A missa foi concelebrada por dez cardeais e arcebispos: d. Avelar Brandão Vilela; d. Paulo Evaristo Arns; d. Eugênio Sales; d. Luciano Mendes de Almeida; d. José Freire Falcão; d. José Newton; d. Geraldo Ávila; d. Manoel Pestana; d. Lucas Moreira Neves (primo do presidente Tancredo Neves); além de dom Agnelo Rossi, Prefeito da Sagrada congregação do Vaticano, integrante da delegação especial enviada pelo papa João Paulo II. Foram lidas, na liturgia da palavra a primeira carta de São Paulo aos Coríntios, e, depois, o capítulo 5 do Evangelho de São Mateus. Seguiu-se a homilia feita pelo secretário-geral da CNBB; d. Luciano Mendes

de Almeida, que falou durante mais de 20 minutos, destacando que o Brasil viveu nas últimas semanas, durante a doença de Tancredo Neves, "momentos de amor, fé e esperança".

D. Luciano destacou que Tancredo falou aos corações de todos os brasileiros, amou o povo e foi amado por ele. "Um povo que se move pelo amor vence todos os sacrifícios, e os instrumentos de aproximação se verificam em todos os setores, entre gerações, famílias e amigos" — disse. Lembrou a dignidade e a vida simples e austera de Tancredo, "marcada pela dedicação e amor a São João del Rei, Minas Gerais e ao Brasil, estimulando e dando o exemplo pessoal do respeito à liberdade e à democracia, além do segredo da tolerância política". O secretário-geral da CNBB recordou, também, as vigílias de orações do povo brasileiro, iniciadas no Hospital Distrital de Brasília e prosseguidas no Instituto do Coração. "Foram dias de angústia, sofrimento e muita oração, dos quais não podemos esquecer o exemplo de dedicação, coragem e amor de d. Risoleta", disse.

"Nosso povo rezou e revelou o que tem de mais profundo, que é o mistério da fé e da oração sempre recebida por Deus. Rezando, crescemos na fé e na confiança de Deus, que acolhe a vida de nosso presidente e a imensa prece que uniu todo o Brasil, superando barreiras e restrições", disse d. Luciano Mendes de Almeida. O orador frisou em sua homilia que, com o exemplo de Tancredo Neves, "o Brasil cresceu na consciência de sua unidade e fé, tornando-se o presidente um bem-aventurado que agora fica para nós como quem aponta os caminhos de uma nova sociedade". D. Luciano recordou a seguir a semelhança entre o martírio de Tancredo e a morte do papa João Paulo I, antes de sua sagração. Mais adiante o orador comparou Tancredo ao episódio bíblico de Moisés, apontando a Terra Prometida para o seu povo.

D. Luciano Mendes de Almeida enalteceu o exemplo de d. Risoleta Neves, quando, diante da irreversível situação de Tancredo, pediu aos filhos e netos que fossem fortes e tivessem no presidente eleito o exemplo de dignidade que deve ser o Evangelho de suas vidas. Destacou como exemplo da dedicação de Tancredo ao povo brasileiro sua

afirmação de que o desenvolvimento não deve custar mais sacrifícios ao povo brasileiro. Depois falou com brevidade os cardeais Eugênio Sales, Avelar Brandão Vilela e Paulo Evaristo Arns. O representante especial do Vaticano, d. Agnelo Rossi, fez a consagração e, de-

pois, a comunhão. A cerimônia religiosa durou hora e meia, encerrando-se às 10h25. Os dez cardeais e arcebispos cumprimentaram, então, dona Risoleta, que lhes beijava as mãos e, em nenhum momento, revelou insegurança. Depois da cerimônia, a viúva do presidente

Tancredo Neves, o presidente Sarney e dona Marly subiram para o gabinete presidencial, seguido dos ministros, governadores e delegações estrangeiras. O ex-presidente Geisel relutou mas foi convidado, por um assessor para acompanhar o grupo.